

A PRÁTICA DE LEITURA: UM CAMINHO PARA COESÃO NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS

Selma Pereira da Silva (PIBIC/UEMS)
Silvane Aparecida de Freitas Martins (UEMS)

Resumo: A presente comunicação tem por finalidade fazer uma reflexão teórica sobre a importância da leitura para a produção textual, pois a leitura oferece a matéria prima do dizer. Por isso, cabe ao professor explorar não só a temática do texto lido com seus alunos, como também as marcas lingüísticas do texto em estudo para que o estudante em formação possa transpor essas características para a produção textual. E assim, produzir textos utilizando elos coesivos com mais adequação. Assim sendo, buscamos nas teorias sobre o ensino da língua materna, embasamento sobre o ensino de leitura e seus conceitos, relacionando-o com a construção da textualidade e a produção textual.

Palavras-chave: Prática de Leitura. Produção Textual. Coesão.

Abstract: The present communication has for purpose a theoretical reflection about the importance of the reading for the textual production, because the reading offers the raw material of the tell. Because of this, it fits to the teacher explore not only the thematic of the text read with your students, as well as the linguistics marks of the text in study so that the student in formation can transpose these characteristics for textual production. This way, to produce texts using cohesive links with more adaptation. That being the case, seeking in the theories on the teaching of the native language, basement on the reading teaching and your concepts, relating it to the text construction and the textual production.

Key-words: Practical of Reading. Literal Production. Cohesion.

INTRODUÇÃO

Muito se discute na Educação que a falta de interesse dos alunos pela leitura está cada vez mais prejudicando o seu desenvolvimento na produção textual. Hoje, mais do que nunca, sabemos que a maioria dos textos elaborados nos vestibulares e nas escolas não apresentam adequação concernente à textualidade, sobretudo, no que respeita aos elos coesivos e à coerência.

Por isso, seria importante que o educador conscientizasse o educando de que a leitura é o alicerce da interação palavra x mundo. Sobre isso, Chiappini (2001, p. 22) afirma que:

[...] ao promover a interação entre os indivíduos, a leitura compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interagir com o mundo e nele atuar como cidadãos.

Com esses dizeres, a autora confirma o quanto a leitura é importante nas interações dos indivíduos com o mundo e a sua importância na formação de cidadãos capazes de compreender os acontecimentos do mundo e, assim, superar um pouco de sua alienação. Para isso, a atuação do professor é essencial, pois não será por meio de leituras obrigatórias e avaliativas que o aluno será inserido no mundo dos leitores críticos e assíduos, o correto é

estimular essa atividade oferecendo-lhes oportunidade para questionar e expor suas idéias. Pode ser que com liberdade haja mais interesse e prazer por essa prática.

Consideramos que a leitura não só amplia a visão de mundo do leitor em formação, como também oferece-lhe a matéria-prima do dizer, pois por meio do contato com textos coesos e coerentes, aos poucos, o leitor poderá assimilar a organização das palavras, dos parágrafos e seqüências de idéias e, em seguida, transpor tais conhecimentos para sua produção textual. Esse contato do leitor com o texto deve ser constante, pois a cada novo encontro entre autor/leitor/texto novas idéias surgirão e novas palavras farão parte de seu vocabulário e novas estruturas de organização textual farão parte de sua competência comunicativa.

Educador e educando devem caminhar juntos, respeitando-se e tendo consciência de que ler favorece ambos os lados, pois quem sabe nunca sabe demais e quem nada sabe, começa a assimilar desenvolvendo seu intelecto, avançando, assim, para um crescimento moral e intelectual.

Assim sendo, temos como objetivo nesta comunicação fazer uma reflexão teórica sobre a importância da leitura para a produção textual. Por isso, cabe ao professor explorar não só a temática do texto lido com seus alunos, como também as marcas lingüísticas do texto em estudo para que o estudante em formação possa transpor essas características para a produção textual. E assim, produzir textos utilizando elos coesivos com mais adequação.

1. CONCEITUANDO A LEITURA

Para melhor entender a importância da leitura na formação de cada indivíduo e, simultaneamente, nas produções textuais, é necessário compreender e analisar os conceitos que vários autores lhe designa. Para Bellenger (apud KLEIMAN, 1998, p. 17), a leitura se baseia no desejo.

Esta concepção é uma opção. É tanto resultado da observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo interior, deporta-se para uma ficção, abrir parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. é um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem ter a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer.

Tal concepção vem evidenciar que a leitura é o mergulho do indivíduo num mundo repleto de simbologia, imaginação e desejo; por meio das quais as palavras vêm em forma de expressão de sentimento e conhecimento. Na concepção de Marisa Lajolo (apud GERALDI, 1982, p.59)

Ler não é decifrar como num jogo de adivinhações o sentido do texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e ser dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

A autora defende a idéia de que a leitura leva o leitor a diversas possibilidades de compreensão do texto, atribuindo suas significações de acordo com as relações de outros textos lidos por ele. Torna-se necessário que, no momento da leitura, haja também um mergulho no universo textual, na construção da textualidade de um texto, na intenção de

verificar os novos conhecimentos que o texto acrescentou em sua vida, verificar as marcas lingüísticas produtoras de significação textual.

Por isso Bamberger (2002, p. 23) afirma que a leitura é um processo complexo e:

[...] compreende várias fases de desenvolvimento. Antes de mais nada, é um processo perceptivo durante o qual se reconhecem símbolos. Em seguida, ocorre a transferência para conceitos intelectuais. Essa tarefa mental se amplia num processo reflexivo à proporção que as idéias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores. O processo mental, no entanto, não consiste apenas na compreensão de idéias percebidas, mas também na sua interpretação e avaliação. Para todas as finalidades práticas, tais processos não podem separar-se um do outro; fundem-se no ato da leitura.

A definição acima, destaca que a leitura é um processo de desenvolvimento e transformação do indivíduo, pelo qual ele terá um avanço no universo das simbologias, armazenamento de diversas idéias seguido de compreensão e reflexão. De fato, compreender os diversos conhecimentos de mundo é partir do que é preciso para o indispensável e refletir sobre eles, torna-se o caminho para a criticidade do homem.

Segundo Geraldi (2003), “[...] a leitura é um processo de interlocução entre autor/leitor mediado pelo texto. Encontro com o autor ausente, que se dá pela sua palavra escrita”. Entende-se também que a leitura é o exercício pelo qual quem escreve (autor) e quem está lendo (leitor) se dialogam por meio dos signos e das significações atribuídas por ambos. Já que

[...] o autor, instância discursiva de que emana o texto, se mostra e se dilui nas leituras de seu texto: deu-lhe uma significação, imaginou seus interlocutores, mas não domina sozinho o processo de leitura de seu leitor, pois este, por sua vez, reconstrói o texto na sua leitura, atribuindo-lhe a sua (do leitor) significação (GERALDI, 2003, p. 91).

Diante desta definição, pode-se compreender que autor/leitor caminham juntos na produção e entendimento do texto, pois um se apóia no outro e ambos desencadeiam o processo de leitura e compreensão do texto. Na concepção de Chiappini (2001, p. 22),

[...] o ato de ler é um processo abrangente e complexo, é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra.

Percebe-se que a leitura não é uma atividade simples que pode ser trabalhada rapidamente e sem envolvimento do leitor e o mediador da leitura. A situação é adversa, pois ler é transformar-se, interagir e simbolizar, isso se torna complexo pela razão de envolver conhecimento (semântico e pragmático) e este se adquire a vida inteira.

Tendo em vista todos esses conceitos sobre a leitura, podemos sintetizá-la assim:

- conhecimento;
- transformação;
- interação;
- diálogo (autor/leitor e texto);
- compreensão da palavra e do mundo.

2. A PRÁTICA DE LEITURA: UM SUPORTE PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL

A escrita foi uma das formas que o homem encontrou para superar as limitações da comunicação oral à distância, de registrar a cultura do momento. No entanto, percebemos que a escrita jamais substituirá a fala por completo, ou seja, ela tem suas limitações, não conseguiu imitar a fala. Ambas são formas de comunicação diferentes uma da outra, possuem marcas e características próprias. Em geral, as marcas da oralidade são percebidas pelo olhar, a impostação de voz, os gestos que dão ao texto falado muita expressividade, o que auxilia na construção da coesão e coerência textual; mas quando se trata do texto escrito em situação formal, as marcas da oralidade não devem aparecer, então, para que o texto se torne mais coerente será necessário elaborar a produção com o maior cuidado possível, fazendo uso de pontuações, sinalizações, explicitações, uso adequado dos vocábulos e elos coesivos para que o texto possa se tornar compreensível ao interlocutor à distância.

A complexidade sintática, detalhes pormenorizados dos fatos, diversificação lexical e de elos coesivos são fundamentais no processamento do texto escrito. Para se alcançar essas características, todo cuidado é pouco, será necessária muita leitura, revisão e releitura do texto em produção e dos textos pretextos. No entanto, para se chegar a esta concepção de escrever, é preciso antes que o escritor seja o sujeito que produz texto e que conta a sua história, com suas palavras. Com relação a isso Britto (2003, p.128) afirma:

A produção de texto é marcada, em sua origem, por uma situação muito particular, onde são negadas à língua, algumas de suas características básicas de emprego, a saber, a sua funcionalidade, a subjetividade de seus locutores e interlocutores e o seu papel mediador da relação homem-mundo. O caráter oficial desta situação denominará todo processo de produção da redação, sendo fator determinante de seu resultado final.

Entendemos por funcionalidade, quando o autor, ao escrever seu texto, tem o que dizer, um objetivo para escrever, e quando lemos também temos que ter um objetivo. Assim, a funcionalidade está relacionada a esse objetivo, o de cumprir o papel de suprir a busca dos objetivos tanto do locutor como do interlocutor do texto. E quando falamos em subjetividade, queremos aqui que seja entendida como a idéia ou ideologia expressada pelo redator, e mais ainda a necessidade que o sujeito “eu” tem de expressar os seus conhecimentos, o seu ponto de vista sobre o mundo e os fatos, sem se fechar no discurso dos programas escolares.

Quando falamos em subjetividade queremos esclarecer que os alunos são capazes de produzir textos que representam o produto das reflexões deles, quando eles têm *o quê* dizer, *para quem* dizer, assumem suas opiniões, tornam-se sujeitos do seu dizer. Segundo Geraldi (1993), enquanto sujeito, temos sempre algo a dizer, e que as produções de textos de nossos alunos podem se enquadrar no que se tem a dizer, se tiver voz para isso, pois se o aluno apenas repete o discurso da escola, não será um sujeito transformador, e sim, um mero repetidor.

Geraldi (1993) ainda estabelece uma distinção entre produção de textos e redação, para ele redação é o mero repetir do discurso da escola, o produzir textos é o aluno ser agente de seu próprio discurso. Para produzir um texto é preciso que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz;

e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (GERALDI, 1993, p.103).

Parafraçando o autor, podemos afirmar que ao se produzir um texto o sujeito precisa dizer aquilo que está de acordo com suas vivências, principalmente fora da sala de aula, a razão do dizer começa com as situações concretas, do interesse da turma. É muito difícil escrever somente por exigência do professor, é necessário incentivar o aluno a ir além dessa exigência, que busque as próprias razões para iniciar seu discurso. Com relação ao se ter para quem dizer, devemos lembrar que se o aluno tiver o seu interlocutor concreto, ele realmente terá para quem dizer o que tem a dizer do sujeito que é. Ao se comprometer com o que diz, o produtor quer ser levado a sério, portanto ele escolhe estratégias que comprometem e seduzem, pois ele tem pontos de vista, e é sujeito dentro do seu dizer e fazer.

Infelizmente, quando analisamos algumas produções textuais, sejam elas produzidas por alunos inseridos no ensino fundamental ou médio, constatamos que muitas não possuem uma seqüência lógica, as idéias não são interligadas, os parágrafos soltos, sem muitos elos coesivos para estabelecer a conexão necessária na composição das idéias.

3. A QUESTÃO DA TEXTUALIDADE: A COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS

Para que haja coesão e coerência nas produções textuais de seus alunos, é necessário que o docente propicie momentos de leitura e, simultaneamente, mostre aos mesmos os elos conectivos presentes em um texto e a sua importância na produção de significados e o quanto é importante ser coeso e coerente nas suas produções. Na verdade, ao ler um texto coeso, o educando poderá aos poucos assimilar o sentido da existência dos termos lingüísticos significativos na construção da textualidade, prestar atenção na estrutura do texto, pois afinal o que é um texto?

Qualquer pessoa ligada ou não à prática escolar já ouviu falar em texto, mas o que é um texto? Para responder a essa pergunta começaremos por Platão e Fiorin (1995, p.11) que faz duas considerações sobre texto:

1ª consideração: O texto não é um aglomerado de frases.

2ª consideração: Todo texto contém um pronunciamento dentro de um debate de escala mais ampla.

Sobre a 1ª consideração, havemos de concordar, segundo o autor, que “[...] o texto não é um aglomerado de frases”, pois para que se possa entender o que o emissor quer nos trazer como mensagem, é necessário que as frases estejam fazendo parte de um contexto maior, aqui devemos entender contexto “[...] a unidade maior onde se encaixa a unidade lingüística menor”. Com relação à segunda consideração, também há de se concordar que somos parte de uma sociedade e nela nos comunicamos, fazemos nossos pronunciamentos, portanto participamos de um debate, de escala mais ampla que é a nossa “entrada” na sociedade.

Ainda sobre o que é texto, na nota introdutória de **A Coerência Textual**, Kock e Travaglia (1993, p.10) afirmam que texto:

[...] será entendido como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independente de sua extensão.

Conforme vamos aprofundando sobre o que é texto, vamos aprofundando em seu significado e percebemos que há muitos implícitos numa situação de interação comunicativa,

e se o leitor não vivenciou a situação, esse texto pode não ser entendido como uma unidade lingüística concreta – com comunicação.

Segundo ainda Koch (1997, p.20), atualmente, “[...] o texto deixa de ser entendido como uma estrutura acabada (produto), passando a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção”. Havemos de concordar com o dito pela autora, porque realmente no momento de concretização da atividade verbal, os interlocutores se interagem ou atuam cooperativamente de forma a compreender o outro.

Para Marcuschi (1983 apud KOCH, 1997, p.12-13),

O texto é o estudo das operações lingüísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção funcionamento e recepção de textos escritos ou orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes lingüísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações a nível pragmático da produção de sentido no plano das ações e intenções.

Como é possível ver, diante do que se lê sobre o que é texto, sempre há algum implícito ou intenção comunicativa no momento da enunciação que o leitor pode não perceber. Normalmente, quando se ouve alguns professores falarem sobre textos, é comum ouvir falar sobre a incoerência do que foi escrito, ou como o texto tem seus parágrafos mal interligados (coesão). Segundo o afirmado por Marcuschi (1983 apud KOCH, 1997), a coesão e a coerência fazem parte da produção de sentido do texto, porque sem eles a linearidade (aspecto próprio da coesão) e a organização dos níveis da produção de sentido (aspecto da coerência) não haveria as relações de sentido, ou melhor, da construção de sentido. Para isso passaremos a entender melhor essa construção de sentidos.

É importante salientar que a coesão “[...] refere-se aos modos, como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos estão ligadas entre si dentro de uma seqüência” (BEAUGRANDE e DRESSLER apud KOCH, 1997, p. 18). Pode-se constatar que por meio da coesão, obtém-se um texto em que os termos lingüísticos estão distribuídos adequadamente na estruturação do texto e ao mesmo tempo se relacionam entre si.

Segundo Halliday & Hasan (apud CABRAL 1990, p. 11):

As relações coesivas ocorrem quando a interpretação de algum elemento no discurso depende da interpretação de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser decodificado sem recorrer ao outro. Quando isso acontece, a relação de coesão é estabelecida e os dois elementos estão integrados na estruturação do texto.

Koch (1997) conceitua a **coesão** como o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos também lingüísticos, formando seqüências veiculadoras de sentidos. É por meio dos mecanismos de coesão que se vai tecendo o "tecido" (tessitura) do texto.

Esta autora, seguindo os princípios de Halliday e Hasan, aponta para o fato de que um texto não é um produto de uma justaposição de elementos lingüísticos sem referências entre si, pois quando se reconhece uma determinada manifestação verbal como sendo constitutiva de um texto, está implícita a idéia de que existem “laços”, “nós”, “ligas”, “elos coesivos” entre seus componentes e que, dessa forma, conferem-lhe uma mútua dependência de significação. Assim, existem vários tipos destes “elos”, vários procedimentos lingüísticos por meio dos quais relacionam-se entre si os procedimentos de um texto, tais como *referência, substituição, elipse, conjunção, e a coesão lexical*.

Diante da afirmação acima, fica evidente que num texto os elos coesivos são fundamentais na produção textual, um elemento antecede o outro, formalizando o texto e mostrando a relevância de estarem interligados no contexto.

Um outro princípio de textualidade que merece destaque é a coerência textual, esta se mostra como uma seqüência lógica de idéias baseados no entendimento do autor/leitor. Para Costa Val (1999, p. 05), a

[...] coerência é considerada fator fundamental da textualidade, por que é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só os aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar conhecimentos entre os interlocutores.

Assim como a coesão estabelece o sentido do texto por meio da unidade lingüística, a coerência é indispensável no texto, pois é o elemento indispensável pela construção e organização de idéias apresentadas. Não devemos entender coerência por mera qualidade de um texto, mas sim como resultado de uma construção feita pelos interlocutores num momento de interação comunicativa.

Segundo Costa Val (1999, p. 06),

A coesão é a manifestação lingüística da coerência; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do texto; constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais.

Como vimos em Costa Val, a coesão é “saber” como trabalhar o texto, escolher a palavra adequada, fazer uso adequado das normas gramaticais e, principalmente, dos elos coesivos, pois fazem parte da construção de sentidos de um texto. Sabemos que um vocábulo pode ser reconhecido pela substituição de um termo por outro, (sinonímia, antonímia, hiponímia, a hiperonímia; a reiteração pela simples repetição de um item lexical) e a associação, como o próprio nome diz, fazer uma relação de itens vocabulares pertencentes às mesmas idéias. É por meio do uso gramatical adequado, tais como: os pronomes anafóricos, os elementos catafóricos, os artigos, as elipses, os empregos verbais, que relacionados num certo contexto promovem o nexos desse contexto.

4. A PRÁTICA DE LEITURA E A AMPLIAÇÃO DO LÉXICO

Devido ao fato de que a leitura de um texto depende muito do entendimento dos léxicos gramaticais nele inseridos, torna-se necessário que no momento em que o leitor não assimilar o significado do texto, ele tenha um dicionário adequado e um mediador competente (professor) para auxiliar no esclarecimento de suas dúvidas e conseqüentemente no conhecimento de novos vocábulos.

Pode-se dizer que um texto coeso e coerente decorre também da multiplicidade de suas palavras, ou seja, o produtor eficiente tem que ser conhecedor do significado de várias palavras e, simultaneamente, saber usá-las no momento exato. É importante salientar que esse processo de apreensão lexical é tão importante para um leitor experiente quanto para aquele que está iniciando sua caminhada, pois “[...] no caso de leitores principiantes, o efeito cumulativo de léxico desconhecido, ainda que na própria língua, pode ser tão devastador para a compreensão como se tratasse de uma língua estrangeira.” (KLEIMAN, 2002, p. 72).

Além do dicionário e do glossário que possuem características semelhantes, outro item que merece destaque neste contexto é a inferência lexical. Para Kleiman (2002, p. 69):

Quando nos deparamos com uma palavra pela primeira vez, uma nova gíria, por exemplo, ou uma nova palavra de uma língua estrangeira, adquirimos uma idéia aproximada do significado da expressão, a partir do contexto lingüístico em que ela é usada. Isto é, inferimos o significado dessa palavra nova a partir do contexto. Aos poucos, mediante novos contextos, vamos adquirindo uma idéia mais precisa do significado. Quando passamos a usar a palavra, então, há uma transformação desse conhecimento inicial.

A autora procura revelar que a inferência lexical é a aproximação do sentido da palavra por meio de outros contextos, palavra esta que não possui um significado exato como nos dicionários, mas que auxiliam na compreensão do significado do texto, pois a cada novo encontro, temos sempre uma idéia coerente de seu verdadeiro significado.

O educador como mediador desse processo de compreensão da palavra e enriquecimento do vocabulário, deve sempre estar se atualizando para que perante as indagações de seus alunos, ele possa colaborar, no mínimo, indicando onde o aluno deve consultar para sanar suas dúvidas, o que é de suma importância para a ampliação do léxico ativo da criança e para que ele possa produzir textos com mais coesão, coerência e informatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo do artigo exibido revela que os subsídios propiciados no ato da leitura, tais como: ampliação da visão de mundo, o enriquecimento do vocabulário, a questão do reconhecimento dos elos coesivos, a coerência textual leva o indivíduo a adquirir uma bagagem de conhecimento essencial para ampliar seus conhecimentos, o que poderá contribuir para que tenhamos produtores de textos com mais conteúdo, com clareza e criticidade.

Elaborar um texto coeso e coerente é sinal de compreensão de mundo, competência gramatical, discursiva, lingüística e, conseqüentemente, hábito de leitura. Isso é a função essencial da escola. No entanto, diversas pesquisas nos mostram os problemas textuais detectados nas produções textuais de alunos em fase de escolarização, em redações de vestibulares e em textos de alunos do curso superior, fica-nos evidente que a escola não tem conseguido muito êxito na formação de leitores e produtores de textos.

Para melhor entender essa situação, temos como propósito de pesquisa de iniciação científica (pesquisa em andamento), analisar como os alunos, que terminam a primeira etapa do ensino fundamental, estão construindo a significação textual em suas produções escritas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo, 2002.
- BRITTO, L. P. L. Em terra de surdos-mudos: um estudo sobre as condições de produção de textos escolares. In: GERALDI, João Wanderley (Org.) **O Texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2003.
- CABRAL, L.; GORSKI, E. **Lingüística e ensino**: reflexões para a prática pedagógica da língua materna. Florianópolis: Insular, 1998.
- CHIAPPINI, Ligia (Coord.). **Aprender e ensinar com texto**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Aprender e ensinar com textos não escolares**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo, 2003.
- _____. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- KOCH, I. V. **A Coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L.C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1993.
- PLATÃO & FIORIN. **Para entender o texto: leitura e redação**. 16.ed. São Paulo: Ática, 2003.